

Alocução de Abertura

Opening Address

José D'Encarnação

Centro de Estudos em Arqueologia,
Artes e Ciências do Património (Coimbra)
jde@fl.uc.pt

Saudação inicial

XIII Congresso sobre Línguas e Culturas Paleo-hispânicas

Loulé, 23/10/2019

Olá!

Bem-vindos!

É para mim grande privilégio saudá-los em Loulé, depois de, a 13 de Outubro de 1994, os haver recebido em Coimbra, no VI Colóquio, e, em 2009, no Museu Nacional de Arqueologia, por ocasião do X. Estive no da fundação Calouste Gulbenkian, em 1980, data em que entrei para a Comissão Organizadora destes colóquios; nessa altura, porém, a organização coubera ao Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa.

Um privilégio duplo! — direi.

Primeiro, porque é a primeira vez que o Colóquio se realiza no território da Escrita do Sudoeste, de que tanto se têm ocupado. Depois, porque estamos no Barrocal, a região do Algarve que me viu nascer: sou natural do concelho de São Brás de Alportel, mesmo aqui ao lado! Uma região que tem muito para conhecer e que não se visita uma só mas muitas mais vezes!

Bem-vindos!

Estou grato por terem vindo!

Estou grato aos patrocinadores do nosso colóquio, designadamente a Câmara Municipal de Loulé. Nunca será de mais realçá-lo. E que me seja permitido salientar o dinamismo, a atenciosidade e o *savoir faire* da Dra. Dália



Paulo, directora municipal, e dos seus mais directos colaboradores: Ana Rosa Sousa e Rui de Almeida.

Estou grato ao Doutor Amílcar Guerra, por ter querido ele ficar com a responsabilidade da organização. Desta vez eu mantive-me, de muito bom grado, na retaguarda. Estou certo de que o nosso encontro vai ser um êxito, devido à sua maestria e à tradicional hospitalidade louletana. Bem hajás!

A nossa gratidão vai também, desde já, para o intenso labor do Professor Francisco Beltrán, que — com o incondicional apoio da Institución “Fernando El Católico” (também lhe estamos muito gratos!) — chamou a si a publicação das actas dos nossos colóquios, incluindo-as na *Palaeohispanica*, a revista que potencia o valor e o alcance dos nossos estudos.

Deve-se-lhe também o Projecto AELAW — *Ancient European Languages and Writings*, financiado pelo programa COST e que, além do que ainda vamos ver, proporcionou já — juntamente com o Grupo HIBERVS — duas teses de doutoramento: a de María José Estarán (aqui presente) sobre a epigrafia bilingue à qual, na Associação Internacional de Epigrafia Grega e Latina tivemos o privilégio de conceder, em 2017, o prémio Giancarlo Susini, e, de próxima defesa, a de Gabriela de Tord Basterra sobre a *Epigrafía Religiosa en Lenguas Locales del Occidente mediterráneo*.

Bem hajás, Francisco Beltrán!

Saúdo, pois, os colaboradores do Município, que não regatearam esforços para que tudo estivesse a postos, e os meus queridos colegas, os mais antigos e os mais novos, que ousaram percorrer este caminho da História, onde, mais do que em qualquer outro (aposto!), se verificam verdadeiras as palavras de António Machado *no hay camino, se hace camino al andar!*

• • •

50 anos!

Completam-se este ano 50 anos sobre a minha entrada para esta investigação. Entreguei em 1969 a tese *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, que defendi em Janeiro de 1970.

Tive, por conseguinte, o grande privilégio de privar e de *muito aprender* com vultos maiores da nossa disciplina.

De Javier de Hoz falaremos amanhã.

Cumpre-me referir **Antonio Tovar**, com quem troquei inúmera correspondência e que pontualmente me enviava separatas. Uma correspondência

dactilografada e, às vezes, manuscrita. A primeira que tenho veio com dedicatória «ao Sr. J. M. S. Encarnação — recuerdo amistoso»: *La lengua lusitana y los sustratos hispánicos*, XI Congreso Internacional de Linguística e Filología Románicas (Madrid 1965, CSIC, 1968). Outra, de 1969, desejando-me êxito para a tese, *Catón y el Latín de Hispania*, do livro de homenagem a Joseph María Piel (também com este tive ocasião de trabalhar, em Coimbra!).

Do mesmo ano, *Menéndez Pidal y el problema de las lenguas primitivas de Hispania*. Também analisará as posições de Lucílio em relação ao latim de *Hispania* e será dos primeiros a debruçar-se, como se sabe, sobre a inscrição de Cabeço das Fráguas, logo no II Colóquio, relacionando-a com a língua dos Lusitanos.

Coube-lhe fazer, por exemplo, a lição inaugural do nosso IV Colóquio (Vitoria, Maio de 1985), tendo falado sobre línguas e povos da antiga Hispania — o que sabemos de nossos antepassados proto-históricos!

Recorde-se que, com Blázquez Martínez, escrevera uma síntese sobre a Hispânia romana para o 2º volume (Principado) de *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, em 1975.

Discípula de Tovar, **María Lourdes Albertos** — que tão precocemente nos deixou! — manteve comigo mui estreita correspondência, nomeadamente no âmbito da preparação da minha tese, de que me faria o favor de elaborar recensão mesmo antes de ela vir a ser publicada.

De Tovar e Albertos guardo a mais reconhecida memória, mormente porque — sendo eles já especialistas da área — não deixaram de trocar impressões comigo, de citar as minhas opiniões. Lembro que, quando propus a Tovar que me apoiasse a alargar o horizonte da minha tese até à Galícia, com vista à publicação, ele me respondeu: «Eu? O Encarnação é que é o especialista!». Uma humildade que ainda hoje nos desvanece. Eram — são! — assim os grandes investigadores.

Contestei na minha tese algumas das tomadas de posição do Professor **Blázquez Martínez**. Ousei fazê-lo, sendo um simples licenciando. E qual a atitude de Blázquez? A de aceitação, de diálogo, «Manda-me sempre tudo o que fizeres!». Uma atitude que manteve indefectível durante os longos anos da nossa amizade e comum interesse pelas divindades indígenas.

Com **Untermann** já não foi tão grande o convívio, embora tivesse existido, porque o seu *Atlas* constituía — e ainda constitui, sem dúvida! — um vade-mécum a consultar!

Enfim, perdoar-me-ão este longo excurso; mas cumpria-me dar conta do muito que aprendi com estes Sábios, que — repito! — me deram a honra de quase me fazer sentir como eles, *não o sendo*.

• • •

Poder-se-ia pensar em traçar, neste momento, uma panorâmica do que foi o caminho percorrido desde o I Colóquio, celebrado em Salamanca (Maio de 1974). O que hoje se sabe muito mais do que há 45 anos! Os novos documentos entretanto dados a conhecer, como a que continua a ser enigmática, a inscrição de Arronches.

Perdoar-me-ão se não ousar fazer esse caminho. Primeiro, porque seria longo; segundo, porque não tenho competência para tal; finalmente, porque é de todos demasiado conhecido.

Diria, antes, que o nosso domínio de estudo se divide claramente em duas grandes áreas:

— a dos que procuram decifrar as escritas pré-romanas;

— a dos que se interessam mais pelos problemas da aculturação, mormente em três aspectos — a Antroponímia, a Teonímia e a Toponímia —, com vista a melhor se definirem quais foram as nossas «raízes», palavra que detém, hoje, um significado forte — veja-se como as identidades locais vivamente se alicerçam no seu património linguístico!

Em relação aos primeiros, os das línguas pré-romanas, manifesto o meu mais vivo reconhecimento, por se dedicarem a esse bem difícil tema, em que eu nunca ousaria entrar, até porque todos aqueles caracteres acima e abaixo da linha, para exprimirem sons indo-europeus e outros, fogem totalmente ao meu alcance. *Admiro-os* profundamente.

Situo-me, como sabem, no outro grupo, o da aculturação.

Na minha tese, de 1969, ao referir, no final, as perspectivas da futura investigação, propus «uma aliança entre a Epigrafia e a Linguística» e citei a frase duma carta que Tovar me dirigiu a 27 de Janeiro de 1969:

«A comparação de formas de dialectos afins pela comunidade genealógica é muito mais esclarecedora do que a de formas que poderiam ter de comum elementos de substratos mal conhecidos».

E confiava eu de que «desta união entre epigrafistas e linguistas — *peninsulares e não peninsulares* (sublinhei) — algo de novo viria a surgir. Tem surgido!

• • •

O programa do nosso Colóquio está gizado. Não há, pois, lugar para sugerir temas de discussão, uma vez que as comunicações a apresentar resultam da reflexão de cada um sobre a temática que lhes é mais querida.

Perdoar-me-ão, porém, se ousar tecer duas ou três considerações derivadas do que eu próprio tenho lido e investigado. Quiçá não estarei certo; é, todavia, da troca de opiniões, em liberdade e mútuo respeito, que pode advir nova luz.

Direi, **em primeiro lugar**, dos epítetos quer das divindades indígenas quer dos topónimos. Amiúde se procuram relações com a toponímia actual ou com os etnónimos pré-romanos. É o caminho a seguir, desde que se não esqueça que esses epítetos, chegados até nós já no tempo dos Romanos e em inscrições *romanas*, retratam os sons que o lapicida logrou perceber. Ou seja, repito o que tenho salientado: é grande *a influência da linguagem oral* e, por conseguinte, nem sempre valerá a pena demorarmo-nos (é a minha opinião!) em explicações de teor linguístico, brandindo radicais etimológicos, quando tudo pode resultar simplesmente de má audição por parte de alguém. Creio que doutra forma se não poderão explicar variantes como — e cito dois dos muitos exemplos possíveis — *Trebaruna*, *Trebaronna*, *Triborunnis* ou *Endovellicus*, *Indovellicus*, *Enobolicus*. Consequência disso é também, importa frisá-lo, os aparentemente estranhos qualificativos dos *vicani* e dos *castellani*, mormente na área noroeste da Lusitânia e também na Galícia, que nos são conhecidos (ou não!) pelas dedicatórias a Júpiter Óptimo Máximo.

Em segundo lugar, permita-se-me que sugira uma reflexão acerca do conceito de bilinguismo. É trilingue a Pedra da Roseta — e foi feliz Champollion. Não é bilingue o signatário de Espanca — e temos pena! Contudo... estas epígrafes em que há um latim incipiente eivado de terminologia pré-romana... poderão considerar-se bilingues? É bilingue o emigrante português que vem de França e já se esqueceu dos termos portugueses e dá forma portuguesa a palavras francesas? Eu chamo ao fenómeno aculturação!

Finalmente, os sempre problemáticos **documentos de metal**, nomeadamente pela grande possibilidade que há de serem falsificações. Recordo a intervenção de Victor Sabaté no passado mês de Setembro, em Gandía, sobre *los falsos plomos em ibérico*.

Dei a conhecer — com as devidas cautelas — a tésseira da área de Campo Maior (seguramente do *conventus Emeritensis*), que apresenta um texto estra-

nho: *Caburius Tangini f. tesseram populo qui conveniunt Artica capud de suo donavit*. Já a ela me referi no nosso XI Colóquio de Valência, em 2012. Peço desculpa se de novo a recordo.

Tem reflectido Francisco Beltrán sobre o significado das *tesserae paganicae*, referentes às habituais cerimónias de *lustratio* dos campos, as *feriae paganicae*, a celebrar no *vicus*, como sede administrativa de vários *pagi*. Poderá esta, de Campo Maior, relacionar-se com aquelas?

• • •

Em suma:

Quer os que se dedicam à decifração dos estranhos signos epigráficos legados pelos pré-romanos, quer os que nos dedicamos aos fenómenos linguísticos da aculturação o que visamos é compreender melhor *o Homem* está por detrás desses monumentos, *a mensagem* que antepassados nossos quiseram transmitir-nos.

Para sentirmos que a nossa *identidade* — na plural diversidade de povos e de regiões — não nasceu ontem, há dois ou três séculos. Não! Daí que também a nossa Real Academia de la Historia não tenha hesitado, por iniciativa do sempre prezado Martín Almagro, em dar à estampa, já em 2003, o precioso volume *Epigrafía Prerromana*, em que se dá conta do seu espólio nesse domínio.

Os nossos estudos — cada vez mais apreciados, cada vez (curiosamente!) com mais adeptos (ainda no passado mês de Setembro se realizou em Gandía, na Universidad Valenciana de Verano, XXXV Seminário de Estudio de Lenguas e Epigrafía Antiguas) — provam que se trata de uma identidade muito mais longínqua. Poderíamos dizer, ao olhar para a epigrafia do Sudoeste — como teremos ocasião de fazer na visita ao Museu de Almodôvar — perdurou milénios a mensagem que, embora envolta em mistério, chegou até nós!

A nós, o supremo privilégio de, com saber e perseverança, a logarmos entender!

Bom trabalho!